



As palavras às vezes se suicidam

Me roubaram uns dias contados,
de Rodrigo de Souza Leão

Jonathan Gomes Henrique*

A leitura é sempre uma experiência, e só desce daí como que caindo para fora de si mesma. Mas experiência de quê? É a isso que se responde a cada vez que se escreve ou que se lê. Rodrigo de Souza Leão, em seu livro póstumo *Me roubaram uns dias contados*, lançado em 2010 pela Record, é direto a esse respeito: “Só escreve quem tem a ambição de se entender. Só lê quem tem a mesma ambição”. E mais do que “se entender” no sentido clichê do ser humano em geral e seus dilemas, esse livro nos dá a oportunidade de algo diverso, muito mais bem determinado: de experimentarmos o estado atual de nosso relacionamento particular com a literatura, isto é, de nos entendermos enquanto leitores contemporâneos. Afinal, que tipo de texto é esse que pode ainda nos afetar?

Rodrigo de Souza Leão é desses escritores cuja vida esteve empenhada na tarefa aguda de se reduzir à sua própria obra e, nisso, se ampliar. Mas, no seu caso, essa tentativa está longe de representar um esforço supérfluo, uma vez que a maior parte do tempo ele, de fato, passou severamente confinado no estreito horizonte de seu apartamento — limite imposto pelo quadro de esquizofrenia que o acompanhou até a morte, em 2009. Daí talvez a radicalidade com que se devotou a escrever e a fazer de sua escrita um modo de vida

* Mestrando em Poética na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

através do qual atendia à porta, assistia à tevê ou falava ao telefone, sempre a postos para anotar ou capturar algo que lhe diziam ou acontecia ao seu redor. Rodrigo provocava e/ou recolhia seu texto *full time*: falas de amigos, e de personagens alheios; frases de efeito, e de escritores ilustres; trechos de música, de filmes, de livros. Enfim, tudo o que o cercava concorria para a sua escrita: da cultura pop (quadrinhos, desenhos animados, programas televisivos etc.) à nem tão pop assim (Nietzsche, Drummond, Baudelaire, Rimbaud etc.).

Embora *Me roubaram uns dias contados* seja dividido em quatro partes, marcadas cada qual pela predominância de um certo mote, o livro ainda assim não deixa ver qualquer vinco mais decisivo restringindo alterações ou progressões no fluxo contínuo de sua matéria viva. Rodrigo o escreve como se fosse um diário ampliado: costura pequenos eventos e insights num mecanismo que sugere a livre-associação, mas cuja captura, seleção e montagem certamente exigiram um tempo mais generoso para atingirem o ritmo firme e, deve-se dizer, frenético do texto final. O autor não para de se duplicar nos diversos personagens: há mesmo um de nome Rodrigo, sendo em tudo o próprio Rodrigo, a quem dedica toda a segunda parte do livro, mas que já na primeira seção aparece atendendo à ligação de outro personagem, Weimar, quando este se rebela contra os desmandos de seu escritor. Isso sem falar na voz que ironicamente critica e avalia o próprio autor e seu texto, flagrando sua escrita ruim. Os termos em jogo não estão mesmo sob controle, e é a liberdade desconcertante deles que perturba e força nossa receptividade, atingindo nossos humores. Não temos muito como adiar nosso posicionamento perante seu estilo, tampouco conseguimos evitar de fazer emendas posteriores, conforme avan-

çamos em suas páginas. Os juízos são levados a se reformularem com a mesma voracidade com que se erguem precipitados e, assim, vamos nos dando conta de nossas intempéries guardadas, orçando e balanceando nosso próprio instrumento.

A primeira parte do livro se concentra em Weimar, que, como seu autor, é um Homem-Telefone, trancafiado no vigésimo andar de um apartamento, às voltas com 10 aparelhos que não param de tocar, pelos quais encontra a expressão principal de sua sexualidade: o “gozofone”. Alcança, ainda que por telefone, personagens cujos nomes aparentam *nicks* de salas de bate-papo da internet (das quais é também assíduo) e cuja aparência, propriamente dita, quebra repetidamente suas expectativas: Vegetal, uma anã da empresa de telefonia com quem tenta bater o recorde mundial de tempo numa mesma ligação telefônica; Mental, uma paraplégica da loja de informática; e há ainda a linda morena Vertigem, que o autor faz surgir atendendo às reclamações de Weimar. Além do sexo, no horizonte do texto há todo um clima de comicidade (a exemplo do protagonista que calcula todas as suas contas em mulas!), mas também de suspense, paranoia e perseguição (como as inusitadas conversas com um certo Smith, personagem morto que, através do Canal 104 da tevê, não para de incitar Weimar ao suicídio). Aliás, não podemos deixar de notar que seu texto mantém um intrigante diálogo com a morte.

Já sobre a vida, temos na segunda parte uma sequência de pequenas notas (aforismos), que muito embora soem autoendereçadas, representam ainda assim o propalado esforço do autor em se diferenciar de um certo Rodrigo, tornado personagem. O tom reflexivo monopoliza o capítulo, já que não há mesmo nem outros personagens nem situações a serem dramatizadas, há apenas conside-

rações livres sobre determinados assuntos, entre eles (e com maior presença), o próprio ato de escrever, que chega a ser definido como “uma mixagem”: o autor na vez de um DJ, sequenciando, cruzando suas referências a partir da tábula nada rasa de sua biografia. O tema do duplo toma outra proporção numa terceira parte, quando surge o Sósia, personagem que a todo momento interrompe o autor em letras garrafais. Este, por sua vez, graças a certos eventos, passa a ser conhecido como o Van Gogh brasileiro, Prêmio Nobel da Paz, partilhando situações inusitadas ao lado de personagens também duplicados, como os kafkianos Gregor e Joseph e a cigana Sandra Rosa Madalena. Todos eles e mais aqueles outros personagens dos capítulos anteriores são finalmente reunidos, na quarta e última parte do livro, a pretexto de participarem de um *reality show*, um *Big Brother*, cujo palco bem parece ser aquele da imaginação típica de um escritor: suporte da convivência afiltiva de suas criaturas. Entre elas, ele próprio.

O livro de Rodrigo de Souza Leão é, antes, um certo objeto, pois é algo aquém de um livro (uma vez que nele encontramos apenas rascunhos, notas preparatórias, rasuras, críticas, emendas, interrupções, enfim: projeções), mas também algo além de um livro (uma vez que mais do que a esquizofrenia, o seu obscuro falecimento em 2009 não deixou de marcar retrospectivamente o espírito de sua obra, já tão percorrida pela ideia da morte). Portanto, é um objeto estranho de se pegar, com um modo de ler e usar a ser inaugurado pelo leitor. As extrapolações que comete, sendo em muito já conhecidas e praticadas pela modernidade, nos permitem testar o seu assentamento efetivo hoje: em relação às poéticas contemporâneas, uma vez que nestas o seu emprego não conta mais com qualquer valor de novidade, isto é, essas extrapolações as

percorrem sob um despojamento que, este sim, é que já se torna o registro singular desses autores recentes.

Afinal, por efeito do espólio das vanguardas, herdamos a literatura como um campo de conhecimento ou extremamente ampliado (se estimamos que as dilatações provocadas por elas nos permitem mais do que nos era permitido sob as formas anteriores) ou então extremamente reduzido (se considerarmos que as antigas formas perderam, nesse processo, o seu sentido e pertinência). E tomar essa decisão não é algo fácil, nem a ser feito em bloco e em definitivo, já que são as rasuras e emendas que fazemos, e que não paramos de fazer, que nos permitem experimentar o contorno de nossa receptividade atual. Somente quando somos verdadeiramente afetados pelo que hoje em dia se escreve é que temos a chance de tocar em algo que diz respeito a nós mesmos enquanto leitores contemporâneos. E não é tão frequente que uma obra possa agitar nossas posições, nos dando a chance de saber, pela simples reação a que nos obriga, o quanto ainda somos movidos pelo vício incendiário das rupturas, das novidades, ou, noutra extremo, de saber o quão fundo nos abate a sensação de que o próprio experimentalismo encontra, ele também, seu esgotamento. Afinal, a autonomia das palavras é também seu risco, bem podendo levá-las a impasses, “suicídios” — conforme nota o próprio Rodrigo em *Me roubaram uns dias contados*, um livro-diagnóstico: desses que faz sentido pegarmos nas prateleiras da livreria e lermos suas primeiras (quaisquer primeiras) páginas. É algo assim como subirmos numa balança de farmácia e nos pesarmos.